

NÃO FALA COM ESTRANHOS, MAS “CANTA” AS ESTRANHAS: PERFIL DO ASSÉDIO EM CURITIBA A PARTIR DO MAPA COLABORATIVO “CHEGA DE FIU-FIU”.¹

Adriana Tulio Baggio²

RESUMO

Este trabalho apresenta a etapa inicial da pesquisa que tem por objetivos principais compreender as marcas da verossimilhança nas narrativas sobre assédio publicadas no mapa colaborativo “Chega de Fiu-Fiu” e analisar que sujeito sincrético se constitui na articulação entre a cidade e os cidadãos – assediados e assediadores –, também a partir dos depoimentos da mesma ferramenta. Nossa intenção nesta etapa é apresentar alguns aspectos do assédio sexual, especialmente aquele praticado nos espaços públicos urbanos – também chamado de *street harassment* – e traçar um perfil das denúncias registradas em Curitiba. Com base nos dados coletados até agora vimos que o tipo de agressão mais frequente é o “assédio verbal”, que o período do dia em que a maioria das agressões ocorre é o da tarde e que a maior parte das denúncias foi feita por jovens de 20 a 24 anos. Notamos, também, que os dados sobre a localização das ocorrências apresenta incorreções e, por ora, não incluímos este aspecto no perfil. Os métodos em que nos apoiamos são a pesquisa documental, na coleta de produtos de comunicação que dão visibilidade à prática do assédio; a bibliográfica, sobre a violência contra mulher e o assédio nas ruas; e a quantitativa, para o perfil das ocorrências da cidade de Curitiba registradas na ferramenta já mencionada. Posteriormente, para análise das narrativas e da articulação entre os sujeitos cidade e cidadãos, contaremos com os modelos de verossimilhança de Gérard Genette e da sociossemiótica de Eric Landowski.

Palavras-chave: Assédio. Curitiba. Mapa Chega de Fiu-Fiu.

1. INTRODUÇÃO

Diz o senso comum que o curitibano é antipático, que não fala com estranhos. No entanto, quando se trata da “cantada”, ou de abordar uma mulher desconhecida na rua, o mito se desconstrói. Curitiba, assim como outras cidades brasileiras e estrangeiras, apresenta um

¹ Trabalho inscrito para o GT Comunicação e Cultura, do VII Encontro de Pesquisa em Comunicação – ENPECOM.

² Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP); docente nos cursos de Comunicação Social da UNINTER e da UFPR (professora substituta); e-mail: atbaggio@gmail.com. Pesquisadora do Centro de Pesquisas Sociossemióticas (PUC-SP) e do grupo de pesquisa Comunicação, Tecnologia e Sociedade (UNINTER), que abriga a investigação apresentada neste trabalho.

alto índice de casos de assédio praticado nas ruas, agressão que em inglês recebe o nome de *street harassment*. Como parte de uma pesquisa mais ampla, apresentamos neste trabalho alguns aspectos do assédio na capital paranaense a partir dos casos registrados na ferramenta colaborativa “Chega de Fiu-Fiu”.

O lançamento da ferramenta aconteceu em 2014, na esteira da campanha de mesmo nome surgida em 2013. O assunto, no entanto, vem ganhando repercussão há mais tempo. “E aí, gostosa?”, um dos mais clássicos sintagmas da categoria de interações sociais que se costuma classificar como “cantada”, é título de uma reportagem publicada pela revista *Tpm* em março de 2008³ (LE MOS; TAMBELLINI, 2008). O texto apresenta diversos depoimentos de mulheres que têm cerceado um dos direitos mais básicos do cidadão, que é o de ir e vir, por receio do assédio sofrido quando saem às ruas. Traz, também, a opinião de especialistas e profissionais que desnaturalizam a prática, mostrando seu aspecto de agressão e, especificamente, de violência contra a mulher.

De lá pra cá têm sido muitas as manifestações contra o assédio de rua, que ganham maior visibilidade com o crescimento exponencial do uso da internet, especialmente dos sites de redes sociais. Um exemplo é o clipe da música “Fiu fiu”, da *Filarmônica de Pasárgada*, que se passa em uma espécie de matadouro⁴. Publicado em novembro de 2014 no canal da banda no *YouTube*, o vídeo apresenta (criticando, evidentemente) a mesma associação mulher = pedaço de carne que pauta as fotografias da reportagem da revista *Tpm* citada acima, e que está subsumida no percurso narrativo de boa parte das “cantadas”.

Ainda que o Brasil seja um dos países com maior índice de violência contra mulher⁵, a questão não é privilégio nosso. As manifestações de denúncia do *street harassment* vêm de

³ A reportagem pode ser lida também na versão *online* da revista, disponível em: ><http://revistatpm.uol.com.br/revista/74/reportagens/e-ai-gostosa.html>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Bsrq8qv8Uig>>. Acesso em: 10 ago. 2015.g

⁵ Em um ranking de 84 países, o Brasil é o 7º com mais morte de mulheres. Este e outros dados nacionais e internacionais sobre a violência contra mulher estão disponíveis no site da campanha da *ONU* “O valente não é violento”. Disponível em: <<http://www.ovalentenaovievto.org.br/artigo/73/Dados-sobre-violencia-contra-mulheres-e-meninas>>. Acesso em: 13 ago. 2015.

diversas partes do mundo: no documentário “Femme de la rue”⁶, lançado em 2012, uma estudante de cinema mostra como é abertamente assediada por homens nas ruas de Bruxelas; em outro vídeo⁷, produzido em 2014 pela norte-americana *Hollaback!* – organização sem fins lucrativos e movimento que defende o fim do assédio de rua –, pode-se assistir a uma mulher receber mais de 100 cantadas durante 10 horas de caminhada pelas ruas de Nova York.

Aqui e em outros países proliferam as iniciativas, algumas com propostas e ações mais práticas para o enfrentamento do problema e a cobrança de atitudes por parte dos cidadãos e do poder público. Encaixa-se neste último grupo a campanha “Chega de Fiu-Fiu”, organizada pelo projeto feminista brasileiro *Think Olga*. Lançada em julho de 2013, a campanha teve início com a criação de imagens com mensagens de repúdio ao assédio, que foram publicadas e compartilhadas em sites de redes sociais; em seguida foi realizada uma pesquisa para entender a opinião das mulheres sobre o problema e os impactos causados em suas vidas; por fim, o projeto desenvolveu um mapa colaborativo, que é o objeto de estudo da pesquisa apresentada neste trabalho. Segundo o site do projeto, o mapa é “uma ferramenta para tornar as cidades mais seguras para as mulheres ao relacionar geograficamente os locais e motivos que aumentam a incidência de casos de assédio em determinadas áreas em busca de soluções que mudem essa realidade”⁸. O mapa aceita depoimentos de quem sofreu ou testemunhou algum tipo de assédio.

O objetivo geral da pesquisa é investigar os recursos de verossimilhança utilizados pelos autores dos depoimentos postados no mapa e compreender qual cidade de Curitiba se constitui na interação entre espaço urbano e cidadãos assediados e assediadores. Considerando que a culpabilização da vítima é um fenômeno recorrente no percurso narrativo da violência sofrida pelas mulheres, acreditamos que os depoimentos trazem marcas de um querer-parecer verdadeiro.

⁶ Disponível em: <<http://www.stopstreetharassment.org/2012/07/belgiumdoc/>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

⁷ O vídeo teve enorme repercussão e provocou reações violentas também, como ameaças de estupro à atriz que participou do projeto. Estas informações e o vídeo podem ser vistos em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/10/141028_video_cantadas_rb>. Acesso em: 10 ago. 2015.

⁸ A plataforma online da campanha está em <<http://thinkolga.com/cheга-de-fiu-fiu/>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

Com relação à cidade, entendemos, assim como Gianfranco Marrone, que

espaços e sujeitos não existem enquanto tais para então encontrar-se e conjungir-se, ora por vontade, ora por destino; muito diferentemente, eles se constituem reciprocamente, são os polos de uma relação que os precede e, fundando-os, os transcende (MARRONE, 2015, p. 29).

Antes de tratar destes objetivos, debruçamo-nos sobre os casos relatados no mapa na cidade de Curitiba para verificar os tipos de assédio e os locais onde ocorreram, e são esses resultados quantitativos que apresentamos neste artigo.

2. AS CONFIGURAÇÕES DO ASSÉDIO

Uma das maiores dificuldades no combate ao assédio talvez seja o entendimento de que a “cantada” é um traço cultural, uma forma de interação social necessária e aceitável entre homens e mulheres. As manifestações contra o assédio, a partir da visibilidade conferida aos diversos episódios e ao constrangimento das vítimas, têm procurado mostrar o caráter de crime⁹ desta prática e reforçar sua inclusão no rol dos diversos tipos de violência sexual contra a mulher. O livro publicado pelo projeto *Think Olga* define assédio sexual como “[...] abordagens grosseiras, ofensas e propostas inadequadas que constrangem, humilham, amedrontam e tentam reduzir as mulheres a um objeto passivo que não reage sob tal forma de opressão” (2014, p. 5).

A definição ressalta ainda que a ausência de contato físico não descaracteriza a violência. De fato, interações baseadas em outros sentidos que não o tato podem ser tão ou mais agressivas, como ressalta Jacob Pinheiro Goldberg, doutor em psicologia entrevistado pela reportagem da revista *Tpm* que citamos antes: “O assédio que se pratica contra as mulheres no Brasil tem um caráter sádico e cruel [...] O olhar é um dos tipos de assédio mais cruéis, pois faz com que a pessoa se sinta invadida, despida” (*apud* LEMOS; TAMBELLINI, 2008, p. 32).

⁹ Até 2006, o assédio sexual (junto a outras formas de violência, como a discriminação, a violência psicológica praticada por homens desconhecidos ou a violência sexual praticada dentro de um relacionamento) raramente era classificado como crime pelas Delegacias de Defesa da Mulher (GREGORI; DEBERT *apud* THINK OLGA, 2014, p. 35).

O olhar como forma de violação também pode ser compreendido a partir de um modelo proposto pelo sociosemiotista Eric Landowski, em sua análise das relações entre público e privado em termos de regimes de visibilidade.

Como toda estrutura de comunicação, a que designa o verbo ver implica a presença de ao menos dois protagonistas unidos por uma relação de pressuposição recíproca – um que vê, o outro que é visto – e entre os quais circula o próprio objeto da comunicação, no caso a imagem que um dos sujeitos proporciona de si mesmo àquele que se encontra em posição de recebê-la (1992, p. 88-89).

O assédio se dá justamente pela violação do privado (o indivíduo) no espaço público: o privado quando “publicizado” torna-se passível de “invasão” (retomando o termo usado por Goldberg na menção logo antes). As diversas possíveis modalizações que assumem o sujeito que vê e o sujeito que é visto ensejam também diferentes tipos de interações da ordem do olhar, algumas conciliatórias, outras polêmicas¹⁰, que Landowski classifica como “‘atentado à vida privada’ e de ‘violação da intimidade’” (1992, p. 98). O “comer com os olhos”, expressão que descreve uma das formas de assédio sexual (traduzida nas imagens híbridas da mulher-pedaço de carne usadas tanto pela revista *Tpm* quanto pelo clipe da *Filarmônica de Pasárgada*), inscreve-se nesta “violação da intimidade”.

A preservação da intimidade, ou da privacidade, é direito inalienável de qualquer cidadão, ainda que esteja em espaços públicos como a rua. Tal direito é violado pela “cantada”, pelos olhares invasivos e por outras formas de assédio, resultando na supressão de outro direito básico do sujeito cidadão, que é o de ir e vir livremente. No livro “Meu corpo não é seu”, o *Think Olga* observa que o fato de grande parte da agressão não envolver contato físico não impede que afete profundamente a vida das mulheres: “muitas delas podam sua própria liberdade e seu direito de escolha — deixando de usar certa roupa ou de cruzar uma praça, por exemplo — por medo de sofrer assédio” (2014, p. 5).

De fato, as atuais constringências sofridas pela mulher no espaço urbano são resíduos de uma interdição à sua presença neste espaço originada pela ideologia das esferas separadas que pautava as relações de gênero, e que atingiu seu ápice no século XIX. Conforme abordamos em nossa tese de doutorado,

Desde o século XVI as mulheres de classe média e alta vinham sendo gradualmente excluídas da vida política e comercial nas cidades. Por volta de 1840 em diante, a

¹⁰ No âmbito da semiótica discursiva, relações polêmicas são aquelas que se dão entre dois sujeitos da narrativa quando a conjunção de um deles com o objeto de valor implica a disjunção do outro com este mesmo objeto.

atuação da mulher destas classes restringe-se à casa, ao cuidado dos filhos e ao agrado do marido, cuja atuação no trabalho e na vida pública demandavam, para compensação, o conforto do lar e o carinho e a compreensão da esposa (BAGGIO, 2014, p. 39).

Para o sociólogo Anthony Giddens é a ocupação do espaço público pela mulher que está na base de boa parte da violência sexual atual (1993, p. 138). Quando o papel feminino se exercia no espaço privado e doméstico, o controle masculino era garantido pelos direitos de propriedade (que se estendiam à casa, aos filhos etc.). Quando as mulheres passaram a circular, viver e trabalhar nos espaços públicos, as divisões explícitas de separação dos sexos foram desfeitas, gerando insegurança. O controle sexual exercido pela violência vem substituir aquele proporcionado pelos direitos de propriedade. Tanto é verdade que, para alertar sobre o risco que corre a “fêmea” nos espaços públicos, existe o ditado popular “prenda sua cabra que o meu bode está solto”.

De fato, a presença da mulher no espaço público é frequentemente utilizada como argumento para a culpabilização da vítima¹¹. Podemos citar como exemplo o relato apresentado no livro “Meu corpo não é seu”:

Em 2013, uma menina de catorze anos que estava na rua às 23 horas, foi forçada a entrar num carro, levada a uma casa abandonada e estuprada. Quando a notícia saiu no site de um jornal local, os comentários que se seguiam incluíam frases como: “o que uma menina dessas faz nas ruas a essa hora?”, “estava procurando, encontrou” e “as meninas de hoje procuram por isso, andam quase nuas (2014, p. 7).

O processo também se justifica a partir da visão polarizada presente no imaginário sobre a mulher, como existindo aquelas “para casar” e aquelas “para se divertir”. Ainda de acordo com o mesmo livro, as do segundo caso são as passíveis de sofrer violência (física, verbal, do olhar etc.), como se sua presença em determinados espaços – aqueles considerados públicos ou masculinos – não só justificasse o ato do agressor como tornasse a vítima uma espécie de “cúmplice”:

Estupradores justificam o crime dizendo que se apropriaram do corpo de mulheres que se mostravam disponíveis. Se a mulher estava na beira da estrada, em um bar repleto de homens ou bêbada, estaria sinalizando, segundo esse imaginário, sua predisposição ao ato sexual, ainda que o tivesse negado repetidas vezes. [...] O crime mesmo só acontece, dentro da lógica que defendem, quando é contra alguém “de família”, contra uma mulher com uma conduta que é tida como “direita”. As que andam na penumbra, à noite, ou estão em lugares tipicamente masculinos, estariam à procura, disponíveis e, portanto, seriam coautoras do ato (Idem, 2014, p. 30-31).

¹¹ Assim como a roupa que veste, se está dançando, se está bêbada, se é prostituta etc.

A culpabilização da vítima permeia outros discursos, como o institucional e o da imprensa. Em 2011, um policial canadense sugeriu às alunas de uma universidade não se vestirem como vadias para não serem estupradas¹². Na imprensa, a culpabilização ocorre tanto de forma sutil, quando menciona na notícia de estupro a roupa usada pela vítima, quanto de maneira explícita, ao dar dicas para que *a mulher* evite sofrer violência (THINK OLGA, 2014, p. 37). De certa forma, tais discursos reiteram outros, mais explícitos e agressivos, que não só culpabilizam a vítima como acreditam que a mulher realmente procura e aprecia a violência, como se pode observar em comentário ao clipe da *Filarmônica de Pasárgada* publicado no *YouTube* (figura 1) que já mencionamos antes.

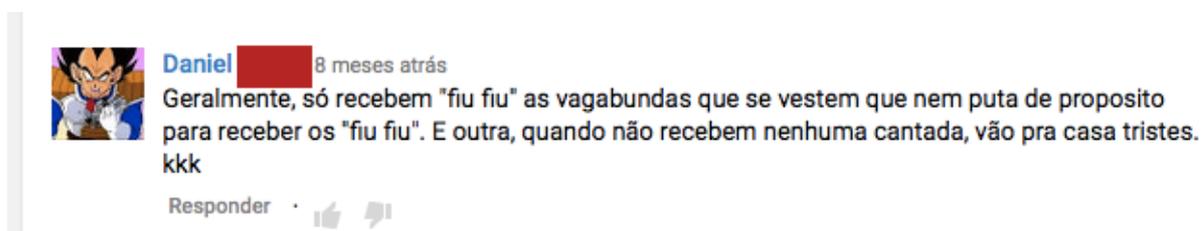


FIGURA 1 – PRINT SCREEN DE COMENTÁRIO FEITO AO CLIPE “FIU-FIU”
FONTE: YOUTUBE (2014).

Ainda que o apreço das mulheres pela “cantada” apareça em alguns discursos, ele seria fruto de um aprendizado que prescreve comportamentos e formas de interação entre homens e mulheres, como explica a antropóloga Mirian Goldenberg na reportagem da revista *Tpm*: “‘Muitas mulheres ainda são dependentes do olhar masculino e pensam que, se não são paqueradas, não têm valor’ [...] ‘Elas precisam do olhar para reafirmar a feminilidade, e elas da cantada para afirmar a masculinidade’” (apud LEMOS; TAMBELLINI, 2008, p. 32).

De qualquer forma, quem se manifesta contra o assédio oferece outro argumento para tentar conscientizar aqueles que acreditam que as mulheres gostam de ser “cantadas”: pode até ser que exista quem goste, mas nessa busca ele acabará por atingir a maioria que se sente agredida (figura 2)¹³.

Ainda na questão da conscientização, outro ponto resistente a ser desconstruído é o de que abordagens não-grosseiras não podem ser consideradas como assédio. Em um guia

¹² O caso deu origem ao protesto “Marcha das Vadias”, que defende o direito da mulher ao próprio corpo.

¹³ Esta e outras ilustrações com mensagens de combate ao assédio estão no site *Think Olga*: <<http://thinkolga.com/chega-de-fiu-fiu/artes/>>. Acesso em: 13 ago. 2015.

para homens sobre assédio de rua, o autor aponta uma diferença fundamental entre a cortesia e a “cantada”: a preocupação com si mesmo ou com o outro.

Saying hello is like a single drop of water. It’s harmless, it’s natural, it’s inconsequential, and yet it can also be an implement of torture. And certainly, if a man says hello to a woman he fancies even though she’s given no sign of interest, that is a selfish act. It’s an attempt to mask his desire for her attention behind a veil of courtesy. But unless that guy says hello to everyone all the time, like a Midwesterner, it’s not about being friendly (BURNETT III, 2014).

Ou, como observa Sofie Peeters no *trailer* do documentário *Femme de la rue*¹⁴, antes das cenas que mostram homens abordando-a nas ruas de Bruxelas: “They say about big cities that people no longer talk with each other in the streets. But this was not quite so”.



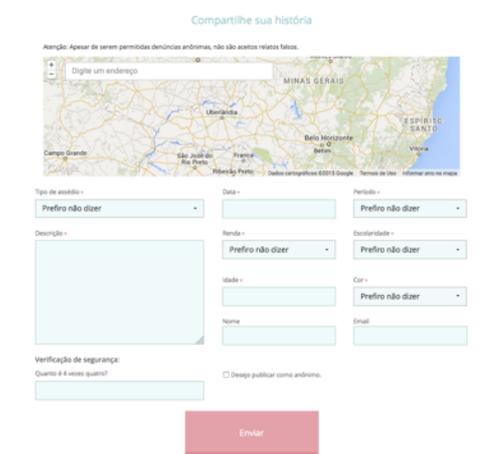
FIGURA 2 – ILUSTRAÇÃO ELABORADA POR GABRIELA SHIGIHARA
FONTE: CHEGA DE FIU-FIU ARTES.

Como atestam estes exemplos, tanto a internet tem sido uma arena privilegiada para o debate sobre o assédio quanto suas plataformas têm auxiliado no combate efetivo a esta prática. A que nos interessa, no momento, é a ferramenta disponibilizada pelo serviço *Google Maps*, utilizada pelo projeto *Think Olga* no mapa colaborativo “Chega de Fiu-Fiu”.

¹⁴ Disponível em: <<http://www.stopstreetharassment.org/2012/07/belgiumdoc/>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

3. MAPEANDO O ASSÉDIO

A ferramenta colaborativa “Mapa Chega de Fiu-Fiu” foi lançada em abril de 2014. Segundo descrição¹⁵ no site que abriga a iniciativa, o objetivo é mapear os pontos mais críticos da violência contra mulheres no Brasil. O mapa está baseado na plataforma do *Google Maps*, que permite a criação de mapas personalizados. Quem deseja relatar uma agressão sofrida ou testemunhada entra no mapa (figura 3) e preenche um formulário (figura 4) em que especifica o tipo de agressão, o lugar em que ocorreu, o período do dia. O formulário contém algumas questões socioeconômicas, baseadas nas categorias das pesquisas realizadas pelo *IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, mas que não têm preenchimento obrigatório – ou melhor, em cada uma delas existe a opção “prefiro não dizer”. Tais questões são sobre a faixa etária, renda e nível educacional. As denúncias podem ser identificadas ou anônimas. Mesmo nas identificadas, o nome e o e-mail de quem denuncia não são exibidos nos testemunhos publicados no mapa. Além de acolher denúncias, a ferramenta também serve para consulta dos depoimentos por cidade.



FIGURAS 3 E 4 – IMPRESSÕES DE TELA DO “MAPA CHEGA DE FIU-FIU”.
FONTE: SITE CHEGA DE FIU-FIU.

Ainda de acordo com o site da iniciativa, o objetivo de acolher e exibir denúncias em um mapa não é o de alertar sobre espaços em que a mulher não deve circular por serem perigosos, mas de ajudar a transformar os espaços e de pressionar o poder público sobre os

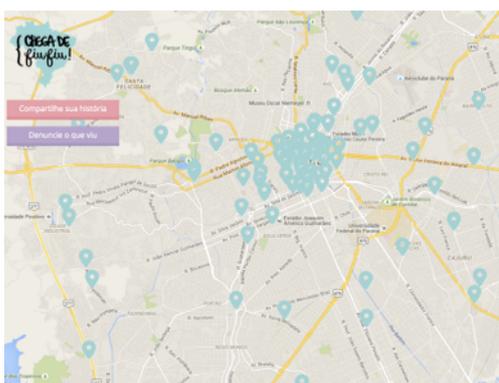
¹⁵ Disponível em: <<http://thinkolga.com/2014/04/22/conheca-o-mapa-chega-de-fiu-fiu/>>.
Acesso em: 7 ago. 2015.

números da violência e a necessidade de estabelecer políticas públicas efetivas de combate ao problema. Tais objetivos já teriam começado a ser atingidos, segundo informações na página introdutória do mapa¹⁶:

A ferramenta já se mostrou útil muitas vezes e possui casos de sucesso. Uma das denunciante, por exemplo, era frequentadora de um bar em São Paulo no qual ocorriam muitos assédios. Ela coletou casos parecidos que ocorriam no mesmo local e foram registrados no mapa e levou até o dono do estabelecimento para pedir providências. Em outra ocasião, o Metrô de São Paulo entrou em contato com o Think Olga após uma das denúncias de assédio em um de seus trens ter chegado até eles via redes sociais e uma reunião para discutir melhorias foi realizada.

Como já dissemos antes, o objetivo específico deste trabalho é fazer um levantamento sobre os depoimentos registrados em Curitiba (figura 5). Para a coleta das informações usamos os dados que o próprio site disponibiliza. Fizemos o *download* da planilha¹⁷ no dia 29 de julho de 2015, portanto, os resultados refletem os depoimentos registrados até esta data.

A planilha traz as informações relativas aos campos preenchidos pela pessoa que fez o depoimento – além de um campo de identificação da entrada do depoimento – e são: tipo do assédio; descrição; data; hora; idade; raça; renda; escolaridade; endereço (onde ocorreu a agressão); bairro; cidade; estado; CEP; latitude; longitude; identificado ou anônimo; data de criação do depoimento; data de atualização; origem.



FIGURAS 5 E 6 – IMPRESSÕES DE TELA DO “MAPA CHEGA DE FIU-FIU” COM REGISTROS FEITOS EM CURITIBA.

FONTE: SITE CHEGA DE FIU-FIU.

¹⁶ Disponível em: <<http://thinkolga.com/mapa/>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

¹⁷ Disponível em: <<http://chegadefiufiu.com.br/api/threats.xls>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

O campo de identificação é a ordem de registro do depoimento; nas questões em que há opção para preenchimento (tipo do assédio; data; hora; raça; renda; escolaridade), os resultados aparecem em códigos. Para alguns deles foi possível descobrir a correspondência entre o código e a informação que representa. Por exemplo: podemos comparar uma entrada na planilha que aconteceu em determinado endereço com o registro dela no mapa (figura 6). Assim, conseguimos descobrir qual o tipo de assédio (pois está especificado no depoimento) e saber com qual código ele aparece na planilha. No campo “data” é possível realizar o mesmo procedimento. No entanto, seria necessário comparar as entradas e os depoimentos individualmente. Para os campos “raça”, “renda” e “escolaridade” a comparação não é possível, pois estas informações não aparecem nos depoimentos¹⁸. O campo “hora” refere-se a período do dia: manhã, tarde, noite. Os campos “latitude” e “longitude” apresentam a mesma informação em todas as entradas de uma mesma cidade. No caso de Curitiba, são respectivamente -25 e -49 (coordenadas que, quando colocadas no *Google Maps*, indicam um ponto próximo à cidade de São Miguel, no Paraná). Os três últimos campos – “data de criação do depoimento”, “data de atualização” e “origem” – não têm preenchimento na planilha. Já nos campos “endereço”, “bairro”, “cidade”, “estado” e “CEP” aparecem informações de acordo com o que a pessoa escreveu no campo de busca do *Google Maps* (ver figura 4) ou com as informações que a ferramenta atribui a um determinado ponto quando ele é “clicado” no mapa. O campo CEP mostra, na verdade, a rua em que ocorreu a agressão denunciada, de acordo com a rua preenchida/indicada no *Google Maps*. Ou seja, tais dados usam a base da ferramenta, o que pode provocar distorções, conforme veremos adiante.

Para traçar um perfil das agressões relatadas na cidade de Curitiba analisamos os dados apresentados na planilha, comparando-os, em alguns casos, às informações expressas nos depoimentos.

3.1 PERFIL DO ASSÉDIO EM CURITIBA

¹⁸ Entramos em contato com os administradores do site pelo formulário disponível na página, perguntando a quais categorias se referiam os códigos destas colunas, mas não recebemos resposta.

Na ocasião da consulta que fizemos à planilha havia 2148 depoimentos registrados no mapa. As ocorrências nas capitais brasileiras somam 1418 registros, sendo que Curitiba ocupa a 5ª posição, com 95 registros – 7% do total (gráfico 1).



GRÁFICO 1 – OCORRÊNCIAS CITADAS NO MAPA “CHEGA DE FIU-FIU” NAS CAPITAIS BRASILEIRAS. ELABORADO PELA AUTORA.

Quanto ao tipo de assédio denunciado, o formulário do mapa apresenta as seguintes opções: “ameaça” (código 15), “assédio físico” (código 16), “assédio verbal” (código 17), “atentado ao pudor” (código 18), “estupro” (código 19), “exploração sexual” (código 20), “homofobia” (código 21), “racismo” (código 22), “*stalking*” (código 23), “tráfico de mulheres” (código 24), “transfobia” (código 25), “violência doméstica” (código 26), “outro” (código 27) e “prefiro não dizer” (código 28).

Em Curitiba, a ocorrência mais registrada no mapa é o “assédio verbal”, seguida pelo “assédio físico” e pelo “atentado ao pudor” (gráfico 2). Quanto o período do dia, em quase metade dos registros o assédio teria acontecido à tarde (49,5%), pouco mais de 24% à noite e 21% pela manhã. Em cinco registros não há identificação do período.

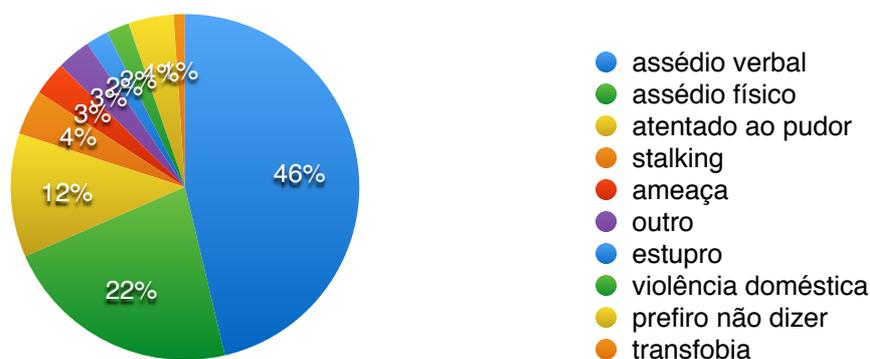


GRÁFICO 2 – TIPOS DE OCORRÊNCIAS CITADAS NO MAPA “CHEGA DE FIU-FIU” EM CURITIBA. ELABORADO PELA AUTORA.

Sobre a idade das pessoas que denunciaram ou testemunharam um assédio, de acordo com as categorias da pirâmide etária do IBGE, as faixas de 15 a 19 anos e de 20 a 24 anos somam quase metade dos registros. Representativos 18% não informaram a idade no formulário (gráfico 3).

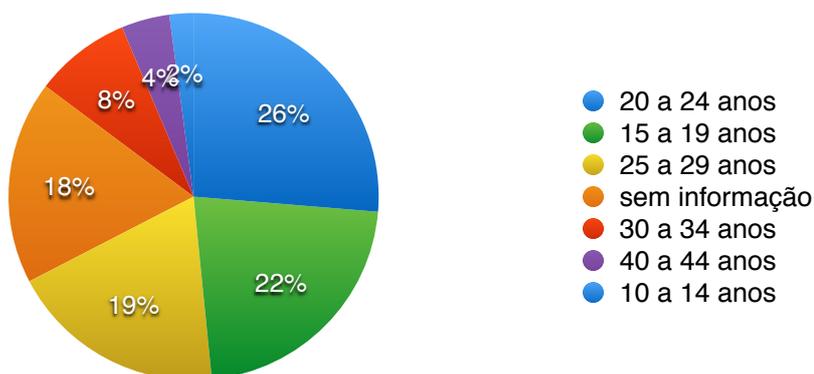


GRÁFICO 3 – FAIXA ETÁRIA DOS USUÁRIOS QUE FIZERAM DENÚNCIAS NO MAPA “CHEGA DE FIU-FIU” EM CURITIBA. ELABORADO PELA AUTORA.

Em nossa opinião, um dos principais aspectos do perfil dos registros feitos em Curitiba seria quanto ao local da ocorrência. No entanto, em uma primeira observação, encontramos algumas incorreções na apresentação desta informação.

Um exemplo de incorreção é o caso da entrada número 1431, sobre “assédio físico”. O local da ocorrência está marcado como Praça Osório (informação oriunda da base de dados do *Google Maps*) mas, no relato correspondente, a autora indica o local como sendo “Praça Rui Barbosa”. Considerando que é a autora do relato quem escreve o endereço ou marca o local no mapa, pode ser um equívoco da usuária. Por outro lado, encontramos problemas também nas informações que vêm da base de dados da ferramenta. Na entrada 1230, também sobre “assédio físico”, o local atribuído é a Av. Sete de Setembro entre os números 3402-3510, bairro indicado como Cristo Rei. Quando observamos este depoimento no mapa, vemos que o “pin” correspondente está localizado quase na esquina desta avenida com a rua Alferes Poli, endereço que não pertence ao bairro Cristo Rei, e sim ao Centro, segundo a ferramenta de busca de endereços disponível no site dos *Correios*. No campo “bairro” da planilha este mesmo endereço está classificado como “Matriz”, assim como muitos outros que se localizam em bairros da região central da cidade. No entanto, não existe bairro com este nome. Tal denominação, na verdade, refere-se a uma das nove regionais (subprefeituras) da

Prefeitura Municipal de Curitiba. A regional “Matriz” engloba 18 bairros, a regional “Santa Felicidade” 14 bairros, e por aí vai.

Devido a estas incorreções optamos por não apresentar, neste momento, o perfil das denúncias por bairros. A classificação dos registros por localização demandará uma análise mais cuidadosa e individualizada de cada depoimento e do endereço indicado, para que possamos saber com mais acuidade o bairro em que teriam ocorrido os fatos denunciados. Pretendemos complementar o perfil com esta informação já na próxima etapa da pesquisa, bem como o cruzamentos entre local, tipo de assédio, período do dia e faixa etária.

Considerandos os dados apresentados até agora, a agressão mais denunciada em Curitiba foi o assédio verbal – prática que motivou a criação da campanha e do mapa colaborativo. O período da tarde é o que tem mais ocorrências – período que, em teoria, se fôssemos seguir a linha argumentativa de culpabilização da vítima, não é “proibido” ou “desaconselhável” para a mulher estar na rua ou em outros espaços públicos. Quanto à idade, a maior parte das denúncias vem de mulher jovens, entre 20 e 24 anos.

4. CONCLUSÃO

A violência sexual, de maneira geral, não recebe atenção e nem punição condizentes com o porte do problema. Com relação ao assédio as dificuldades são ainda maiores, por motivos que já abordamos acima: a questão cultural, a falta de “provas” (não deixa marcas no corpo, por exemplo) e de visibilidade para as ocorrências, a frágil tipificação da prática como crime. Assim como outras iniciativas, o mapa auxilia na “educação” sobre o problema e na sua visibilidade, mas vai além delas ao apresentar dados que podem embasar políticas públicas para o combate ao problema. O levantamento de dados também é uma preocupação da campanha “UNA-SE para por fim à violência contra as mulheres”, da *ONU – Organização das Nações Unidas*, “um marco de ação integral para prevenir e eliminar a violência contra mulheres e meninas em todas as partes do mundo”¹⁹. Dentre os cinco objetivos que a

¹⁹ Disponível em: <<http://www.ovalentenaovievolento.org.br/artigo/55/Campanha-UNA-SE>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

campanha pretende alcançar até o final de 2015 está “fortalecer a coleta de dados sobre a propagação da violência contra mulheres e meninas”.

De nossa parte, pretendemos transformar os dados em informação, especialmente sobre a cidade de Curitiba. Além de informação quantitativa, que possa servir para dar visibilidade ao problema e auxiliar a cobrança de políticas públicas de educação e segurança, queremos também entender, qualitativamente, quais sujeitos se constituem na articulação entre os cidadãos e a cidade nas interações polêmicas manifestadas pelos depoimentos. E, a partir dos depoimentos, compreender os mecanismos adotados para construção da verossimilhança, pois quem denuncia, ciente da culpabilização da vítima, esforça-se por tornar crível o seu relato.

5. REFERÊNCIAS

BAGGIO, Adriana Tulio. **Mulheres de saia na publicidade**: regimes de interação e de sentido na construção e valoração de papéis sociais femininos. 217 f. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica – PUC-SP, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=18005>. Acesso em: 10 ago. 2015.

BURNETT III, Zaron. A Gentleman’s Guide To Street Harassment. **Human Parts**, 12 nov. 2014. Disponível em: <<https://human.parts/a-gentlemans-guide-to-street-harassment-fbab3410b340>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas (trad. Magda Lopes). São Paulo: Editora da Unesp, 1993.

LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida**: ensaios de sociossemiótica. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.

LEMOS, Nina; TAMBELLINI, Karina. E aí, gostosa? **TPM**, São Paulo, ano 7, n. 74, mar. 2008.

MARRONE, G. Semiótica da cidade: corpos, espaços, tecnologias. **Revista Galáxia** (São Paulo, Online), n. 29, p. 28-43, jun. 2015.

THINK OLGA. **Meu corpo não é seu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.